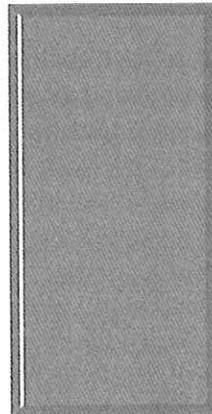


José Duarte Vannucchi (*)

De língua e de literatura – II

(*) Mestre em Lingüística pela PUC – Campinas, 1976. Professor de Língua Portuguesa e de Prática de Ensino de Língua Portuguesa na Universidade de Sorocaba – UNISO.



RESUMO

O autor registra, neste trabalho, despreziosas observações e opiniões pessoais a respeito de diversas questões de língua e de literatura. É continuação de artigo, com o mesmo título, publicado nesta revista, em junho de 1996.

ABSTRACT

The author registers in this study unpretentious observations and personal opinions regarding the diverse questions of language and literature. It is a continuation of an article by the same title, published in this journal in June of 1996.

1. Vitalidade

O sufixo *-izar* (do Latim *-izare*, que vem do velho sufixo grego *-izein*) está em alta: a todo momento nasce algum verbo formado com o produtivo morfema. A relação dos mais recentes já é extensa e, por vezes, chocante: fidelizar, lentizar (=tornar lento), radarizar (=colocar radar em vias públicas ou controlar a velocidade dos carros por radar), obstaculizar, mesmerizar (=tornar ou fazer o mesmo), maximizar, minimizar, terceirizar (este parece que veio para ficar), digitalizar, inicializar, disponibilizar, agilizar, priorizar, barbarizar etc.

É interessante lembrar que Said Ali, por volta de 1920 (atenção para o ano), já observava que a “formação em *-izar* tem aplicação amplíssima na linguagem moderna” e listava, por exemplo: solenizar, escrupulizar, dogmatizar, fraternizar etc.¹

Realmente, esse sufixo está com tudo; certamente, muitos outros verbos com *-izar* (bem-formados, mas nem sempre necessários) surgirão, alguns de fazer estremecerem as cinzas de Camões e os ossos vivos dos professores de Português...

2. Plural, sim

Ensinam quase todos os gramáticos que com a expressão “um dos que” o verbo, geralmente, vai para o plural, como em: *Ele é um dos que mais reclama/reclamam*.

Em primeiro lugar, é de estranhar a tal “expressão”. Por que “expressão”? Em segundo lugar: o entendimento correto e a conseqüente análise não deixam a menor dúvida de que a única concordância possível e certa é com o verbo no plural. Sempre, e não geralmente.

O que acontece é que, na língua literária, às vezes, por razões estilísticas, o verbo é posto no singular. Mas são coisas bem-distintas: a boa sintaxe exige o verbo no plural; no singular é estilisticamente aceitável, embora errado.

1. Gramática Histórica da Língua Portuguesa, p. 247.

3. Siglas

A siglônimização é, hoje, sem dúvida, um dos processos mais produtivos de formação de palavras em Português. Vivemos rodeados de siglas por todos os lados. Às vezes, a escolha da denominação de algo fica na dependência de como ficará a sigla correspondente: agradável, eufônica, interessante, de fácil memorização?

Mas vamos ao que nos interessa, agora: MERCOSUL ou MERCOSSUL? UNISO ou UNISSO? UNISINOS ou UNISSINOS? COSIPA ou COSSIPPA? COPESUL ou COPESSUL? Tais siglas deveriam ser grafadas com ss, de acordo com as regras de adaptação válidas para as palavras em geral: sintomático > assintomático, supor > pressupor, redor > derredor etc. (O que é correto para o Português não o é, neste caso, para o Espanhol, em que se grafa acertadamente MERCOSUR, visto que, nessa língua, o s intervocálico não tem o mesmo valor fonético da nossa fricativa sonora z).

Procederemos da mesma forma, se se tratar de r: PRORRURAL e não PRORURAL.

Bem-humorada observação faz um gramático moderno: “Por mais proprietário de uma empresa que um indivíduo seja, não lhe assiste escolher a bel-prazer a sua grafia, se esta entra em visível discordância com os princípios do idioma”².

Na realidade, porém, a maneira errada de grafar siglas “pegou”, e parece muito difícil, nesta altura do campeonato, mudar as coisas.

4. Ledo engano

Não é raro um verbo ter uma regência no Português culto e outra regência no Português popular. É o que acontece, atualmente, por exemplo, com *assistir (=ver)*, *obedecer* e outros, usados, hoje, como transitivos indiretos na variante culta e como transitivos diretos na variante popular.

Alguns gramáticos, quando tratam dessa questão, costumam ressaltar que, apesar de serem transitivos indiretos, tais verbos podem ser usados na voz passiva. Ledo engano, porque não é exatamente isso que ocorre. O que acontece é que a passivação se realiza, levando-se em conta a regência no

2. Nossa Gramática: Teoria e prática, p. 71.

Português popular, ou seja, a transitividade direta; por isso e só por isso esses verbos podem ser apassivados. Não constituem, pois, nenhum caso especial.

5. Abaixo o se

E por falar em verbo, forte tendência existe também para eliminar o pronome se dos, por isso mesmo, chamados verbos pronominais, como *arrepender-se*, *queixar-se*, *indignar-se* etc.

Em contrapartida, no Português culto ocorre o inverso: dá-se o se para quem não deve tê-lo. Assim *sobressair-se*, *deparar-se*, *antipatizar-se* etc., em lugar de *sobressair*, *deparar*, *antipatizar*.

Pelo fato de o registro baixo suprimir sistematicamente o pronome, as pessoas ditas cultas, quando em dúvida, concluem, ou melhor, raciocinam que o correto é com se. E erram...

Empregar como pronominal o verbo que não o é constitui erro típico do desempenho lingüístico das pessoas estudadas...

6. Defectividade – I

É complicada – ou pouco convincente – essa história de verbos defectivos, geralmente da terceira conjugação, contada pela teoria gramatical tradicional. Por exemplo: o verbo *abolir* não possui a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, que seria *abulo*. Por quê? Por que não soa bem? E *bulo*, do verbo *bulir*, que não é catalogado como defectivo, soa bem? Outro exemplo: *falir*, no mesmo tempo e modo, só se conjuga na primeira e segunda pessoas do plural: *falimos* e *falis*. Não tem, então, também, a primeira pessoa, que seria *falo*. Também não soa bem? E *falo*, de *falar*, soa bem? E o verbo *adequar* que, segundo a tradição gramatical, só pode ser conjugado nas formas arizotônicas? O leitor já notou o que andam fazendo com esse verbo?

Seria fácil arrolar muitos outros exemplos interessantes. E não nos esqueçamos de que alguns verbos, que hoje conjugamos normalmente, como *discernir*, *digerir*, e *expelir*, foram defectivos.

7. Defectividade – II

Seja como for, a teoria gramatical tradicional só considera um tipo de defectividade: exatamente a que diz respeito à imagem sonora, à possibilidade de cacofonia ou quase.

Na realidade, existe outro tipo de defectividade: a que ocorre, por exemplo, com certos verbos, como *morrer*, *nascer* e *querer*. O verbo *morrer*, a não ser figuradamente, não pode ser conjugado nos tempos do pretérito: *morri*, *morrera*, *tinha morrido*; já *nascer* não pode ser conjugado em relação ao futuro: *nascerei*; e *querer* não pode ser conjugado no imperativo afirmativo, pela incompatibilidade que se estabelece entre o seu significado e o do referido modo.

Diante disso é razoável que sejam considerados dois tipos de defectividade: defectividade sônica (aquela que, tradicionalmente, é exposta pelas gramáticas) e defectividade semântica (quando alguma forma verbal não pode concretizar-se por força do seu significado).

Em tempo: é bom lembrar que muitos adjetivos também estão marcados pela defectividade semântica e, por isso, não são passíveis de graduação comparativa ou superlativa. É o caso, por exemplo, de *quadrado*, *redondo*, *mortal*, *diário*, *sangüíneo* etc. Não podemos dizer que uma mesa é mais quadrada ou mais redonda que outra. A restrição semântica que, nesses casos, impede a graduação, só desaparecerá, se a linguagem for figurada.

8. Contexto

Defectividade lembra cacofonia que, diga-se de passagem, não é erro. É interessante observar que a cacofonia tem, muitas vezes, relação com o contexto: a mesma palavra pode soar “bem” ou “mal”, segundo a expectativa do interlocutor. Se uma pessoa, depois de voltar da praia, disser que o *mar* estava uma delícia, nada a estranhar, porque nesse contexto esperávamos mesmo a palavra *mar* (com erre); mas se eu perguntar como está passando Fulano e me responderem que está passando mar, então ocorre cacofonia, porque minha expectativa era para *mal* (com ele).

Outro exemplo: em *Vamos animar aquele animal* temos as duas possibilidades (com erre e com ele), que são bem aceitas, porque estão nos devidos contextos.

Conclusão: podemos considerar que há, também, uma cacofonia de ocasião, cacofonia de contexto, que tem tudo a ver com a expectativa lingüística existente no momento da comunicação, especialmente falada.

9. Moda

Como acontece em qualquer período da língua, temos, hoje, palavras e expressões com espaço garantido nos textos produzidos pela mídia e pelos intelectuais.

Uma pequena amostra: políticas públicas; alavancar recursos, projetos ou qualquer outra coisa; institucional; disponibilizar recursos; visibilidade; desenvolvimento sustentável ou sustentado; vontade política; sociedade como um todo; exercício de cidadania etc., etc., etc.

Não resisto à tentação de presentear o leitor com pequeno trecho de deliciosa crônica de Carlos Heitor Cony: “Desconfio das palavras novas. Suportei com educação o verbo “agilizar”, muito usado por executivos que se sentiam “up to date”, Ali Babás modernos que abriam a caverna dos tesouros com a invocação do Sésamo vocabular.

Com o verbo “otimizar” embirrei mais um pouco. Nunca o usei e não gosto quando o usam. Que fazer? A linguagem é dinâmica, feita pela plebe etc. etc. Não iria pedir o meu boné e me retirar da lide humana por tão pouco.

Agora, o verbo “alavancar” é dose, está acima de minhas forças resistir. Considero-me insultado quando o usam contra mim. Já proibi um amigo de me dirigir a palavra – qualquer palavra – desde que ele me pediu um prefácio para alavancar o livro de poemas que havia cometido em louvor de sua mãe. Mandeí-o alavancar a mãe. Por sinal, uma santa senhora que não merecia tal filho e tais poemas”³.

10. Dois pesos...

A mesma teoria gramatical que condena o emprego de pronome pessoal oblíquo como sujeito (como, por exemplo, em Isto não é para *mim* fazer) ensina que, em orações como *Mandeí-os saírem*, o pronome pessoal oblíquo átono *os* é o sujeito de *saírem*.

3. Crônica “Somos Todos Inocentes”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 07-09-1997.

Será? Raciocinemos: temos duas orações: 1) *Eu mandei*; 2) *Eles saírem*. Na variante culta o pronome reto *eles*, sujeito de *saírem*, é substituído pelo oblíquo átono correspondente *os* que, por isso mesmo, vai juntar-se a *mandei* de que se torna complemento (objeto direto); feito esse arranjo sintático, o infinitivo pessoal *saírem* perde o seu sujeito (eles), devendo por isso ser substituído pelo impessoal *sair*.

Com tal análise confirma-se o princípio de que pronome oblíquo não exerce mesmo função de sujeito e fica também demonstrado que *Eu mandei-os saírem*, embora pertença ao Português culto (pelo uso de pronome oblíquo em função objetiva e do infinitivo pessoal), contém erro de concordância verbal, visto que o infinitivo pessoal *saírem*, com sujeito zero, não tem com que concordar; portanto, não pode ser empregado.

É mais um exemplo de erro sintático típico da variante culta, já que na variante popular o infinitivo pessoal, simplesmente, não existe.

11. Excesso de informação

Redundâncias como *mais melhor*; *mais maior* costumam provocar reações de horror. (Há muito tempo, aliás, visto que escritores latinos, como Plauto, já as cometiam: *magis melior*, por exemplo). Convém, porém, chamar a atenção para o fato de que *melhorar mais* (ou *piorar mais*) contém o mesmo vício pleonástico. Se *melhor=mais bom*, *melhorar=tornar-se mais bom*; portanto, a idéia do intensificador *mais* está embutida no verbo *melhorar*. Digamos, pois: As coisas estão melhorando, e não: As coisas estão melhorando mais, ou melhorando mais mais um pouco. (E melhorar menos?)

Melhorar mais é tão redundante quanto *mais melhor*; se passa por correto é, certamente, pelo fato de que os falantes perderam a consciência do real conteúdo semântico do verbo em questão.

12. Privilégio

Pelo acordo ortográfico vigente no Brasil (o de 1943), na divisão silábica devem ficar separados os elementos dos dígrafos *rr* e *ss*, mas não se deve proceder da mesma forma com os demais dígrafos consonantais, como *nh*, *ch*, *lh* etc.

Incoerente, não?

Como separamos, por exemplo, as sílabas de *bairro*? *Bair-ro*, oficialmente; *bai-rrro*, lingüisticamente. Qual das duas divisões reflete a pronúncia? A segunda, evidentemente. Como dividir *correia*? *Cor-rei-a* ou *co-rrei-a*?

13. Sinal difícil

Não falta razão para que a maioria das pessoas tenha dificuldade para empregar corretamente a vírgula; afinal, o uso desse importante sinal de pontuação baseia-se na sintaxe, especialmente no relacionamento entre as palavras e no modo como as orações se unem. Por isso o treinamento de virgulação deveria ocorrer no momento mesmo do aprendizado da sintaxe.

E não nos esqueçamos também de que, muitas vezes, a estilística fala mais alto e atropela casos de vírgula que a sintaxe considera obrigatórios ou proibidos.

14. Sim ou não?

“Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos”.

Essa chave de ouro do comovido soneto que Machado de Assis escreveu para a esposa Carolina (falecida em 1904) tem suscitado comentários e explicações a respeito do *eu*, que teria ficado sintaticamente solto, perdido.

Álvaro Lins e Aurélio Buarque de Holanda, por exemplo, dizem: “O emprego (...) de *eu* antes da conjunção *se*, e não depois, como seria normal, dá em resultado um anacoluto de admirável efeito. Esse deslocamento do pronome resulta do desejo do poeta de mostrar que ele também está morto. No terceto anterior refere-se à “terra que nos viu passar unidos e ora mortos nos deixa”. “Mortos”... Carolina, sim; mas ele (“eu”) também? Também “eu”; e ao explicar por quê, impõe-se-lhe antes de tudo a presença desse “eu”⁴.

Afinal, há aí realmente anacoluto ou simples deslocamento do pronome? Se se trata de simples deslocamento, então, o *eu* seria apenas o humilde sujeito de *tenho*: Que, se *eu* tenho...

E, se assim for, não existirá o tão cantado e decantado anacoluto! Que pena!

15. Multiuso

Preposição que está com tudo é o *de*: ninguém a segura. Confira: alguns acham *de* que... outros não trabalham *de* sábado, muitos escrevem *de* caneta, há os que vão *de* a pé...

Como se não bastassem as quase vinte relações que ela, corretamente, indica... (Aliás, a preposição *de* começou a pôr as manguinhas para fora já nos velhos tempos do latim vulgar, quando, seguida por um substantivo, substituía, para horror dos gramáticos, o genitivo).

16. Apócope imbatível

Sempre é bom lembrar que os chamados metaplasmos, ou melhor, as modificações no significante por eles designadas, não são coisa morta do passado da língua; pelo contrário, as transformações continuam ocorrendo – e como! Alterar-se (nem para melhor nem para pior, mas simplesmente alterar-se) é o preço que o idioma paga por estar vivo.

Uma ocorrência cada vez mais forte no Português falado e distenso do Brasil é a supressão sistemática do r final das formas verbais infinitivas e do s, também final, da primeira pessoa do plural. Assim: vender > vendê, falar > falá, pôr > pô, ir > i, vamos > vamo, somos > somo, fizemos > fizemo etc.

Tais apócopies estão presentes também no Português descontraído dos cultos. É ocorrência muito produtiva; dá até para desconfiar de que, no futuro da língua, aquele r e aquele s sejam pálidas lembranças do passado.

Quem viver, verá...

17. Podendo complicar...

Toda vez que a gente termina a leitura de uma obra de Lingüística pensa em como essa ciência poderia ser muito mais conhecida, útil, gostosa e amada, se não se aplicasse também para ela a velha indagação: podendo complicar, por que simplificar?

Afinal, dificultar o acesso ao conhecimento pode ser também uma forma sutil de não dividir o poder. E sempre há os que não querem dividi-lo... (Seria bom que a Lingüística não existisse apenas para os lingüistas, como a Filosofia, de que se disse que é (só) para os filósofos).

O fato lingüístico, geralmente, é elementar. Complicada é a explicação que se lhe dá. E dá-lhe teoria... E dá-lhe nomes e mais nomes. Aliás, desconfio de que nunca se viu tanto nome novo (e, de preferência complicado) para coisas tão velhas e tão óbvias.

Uma amostrazinha: ontivo, plerema, cronema, hipóstase, onomatorrema, orística, prosiopese, cenema, contóide, distaxia etc. etc. etc. Que maravilha!

Qualquer ocorrênciazinha lingüística recebe um nome. Paciência, porque assim tem de ser. O problema é que cada corrente lingüística que surge – e não são poucas – despeja quilos e quilos de termos técnicos novos. Acumulam-se, às vezes, nomes diferentes para as mesmíssimas coisas. E ao lado de tudo isso – “mirabile visu”! – impassível, impertubável, firme como uma rocha, a velha nomenclatura que nos legou a velha e sábia Grécia de Homero e dos filósofos, apanhando sempre, mas presente sempre, inclusive nos próprios modernos tratados de Lingüística...

18. Em alta

Assistimos, atualmente, a verdadeira onda de ensino de Português na mídia.

“Consultórios gramaticais” e polêmicas idem sempre estiveram presentes nos principais jornais do país. Relembre-se, por exemplo, a famosa discussão envolvendo, nos primeiros anos deste século, Rui Barbosa e seu ex-professor de Português, Ernesto Carneiro Ribeiro, a propósito da redação do Projeto do Código Civil.

De uns tempos para cá, porém, questões de Português passaram a ocupar espaço também nas rádios e TV, com boa aceitação por parte do público. Ensinam-se coisinhas práticas, quase sem gramática; por isso as pessoas gostam e resolvem, então, aprender e gravar aquilo que milhares de professores de Português, por esse Brasil afora, sempre ensinaram e continuam a ensinar heroicamente, nas salas de aula, todos os dias, por um salário aviltante, para alunos que nada querem ouvir e, menos ainda, aprender.

De qualquer maneira, essas “aulas” de Português, principalmente pela TV, constituem preciosa ajuda. Tomara que continuem. É bom para o povo e para a TV.

19. Sem preconceito – I

Esse ensino de Português, aparentemente bem-sucedido, que está tendo grande espaço na mídia brasileira, tem, por outro lado, suscitado discussões, ao nosso ver, equivocadas e preconceituosas.

Consideram alguns que se trata de pura gramatiquice, através da qual se pretende impor a todos, indistintamente, a variante culta da língua.

Mas a coisa não é bem assim. Não façamos confusão. Divulgar a variante culta é legítimo e recomendável; saber que todas as outras variantes são tão legítimas quanto aquela é outra história, que só os lingüistas conhecem e só a eles interessa.

Qualquer principiante em Lingüística sabe que *Nóis vai na cidade* pertence à variante que não tem prestígio social, mas é, lingüisticamente, tão correta quanto *Nós vamos à cidade*.

Tudo se resolve bem, se estabelecermos uma indispensável distinção. Podemos considerar a questão do correto ou incorreto, a partir de dois critérios: critério normativo e critério lingüístico. Aquele baseia-se na língua culta e literária atual; este no próprio sistema lingüístico do Português. No critério normativo valem as regras que os gramáticos (normativos) formulam, a partir da observação do desempenho lingüístico das pessoas cultas e dos escritores; no critério lingüístico valem as regras da própria língua, tenham ou não prestígio social os enunciados que decorrem da aplicação de tais regras.

Então, quando a finalidade é ensinar o Português culto, não se pode ter a postura do lingüista, que observa, descreve e explica os fenômenos lingüísticos com olhos de cientista, não de educador.

20. Sem preconceito – II

Todos estamos cansados de saber que não há línguas superiores ou inferiores. O Grego, por exemplo, é língua importantíssima, mas, como língua, não é melhor, por exemplo, que o Tupi. O mesmo acontece com os dialetos, falares, variantes etc.

No caso do Português do Brasil, podemos falar de duas variantes principais: a variante culta e a variante popular. Lingüisticamente, as duas são igualmente legítimas, igualmente válidas, uma não é melhor que a outra; a variante popular não é uma modalidade errada, corrompida, menos nobre, mais pobre que a variante culta. Qualquer preconceito sobre a variante popular é totalmente despropositado; mas também o é em relação à variante culta.

Quanto ao uso de uma ou outra, ficamos no já sobejamente sabido: depende do contexto, da situação. Cada contexto (local, assunto, pessoas envolvidas no ato da comunicação, momento histórico etc.) pede um determinado registro lingüístico. Assim, devemos usar o registro que lhe seja adequado.

No que diz respeito ao ensino escolar do Português é óbvio que deve ser ensinada a variante culta, até porque a variante popular os alunos já conhecem de sobra. É missão da instituição escolar promover, em sentido amplo, o crescimento do aluno. Crescimento lingüístico, também. Não nos esqueçamos de que cabe à escola igualar, na medida do possível, lingüisticamente, os que são, socialmente, desiguais. Negar-lhe o conhecimento da variante culta é colaborar com uma situação injusta que ajuda a manter largos segmentos da população lingüisticamente excluídos.

Variante culta e variante popular: não se trata de fazer escolha entre o bem e o mal, mas entre o que convém e o que não convém num dado contexto. Falar bem é isso.

21. Dura concorrência

O desprestígio da Língua Portuguesa começa em casa. Observe-se, por exemplo, a denominação de condomínios residenciais, edifícios, loteamentos, enfim, qualquer empreendimento imobiliário: só dá Inglês, Francês e Italiano. Nenhum empresário quer correr risco, usando a “última flor do Lácio”.

E pensar que o Português já foi a língua oficial do Brasil...

22. Prima rica

Línguas irmãs o Português e o Inglês? Muitas vezes, por certos aspectos, até parece que sim.

Comparemos:

<i>Português</i>	<i>Inglês</i>
obediente	obedient
impulso	impulse
exame	exam
líquido	liquid
pausa	pause
convento	convent
insônia	insomnia

E mais:

<i>Português</i>	<i>Inglês</i>
oásis	oasis
basílica	basilica
universal	universal
oral	oral
ideal	ideal
interior	interior
auditor	auditor
verbena	verbena

Verificando a origem latina de grande parte do seu léxico, chega-se à conclusão de que o Inglês é, sem dúvida, a mais famosa língua “neolatina” no mundo de hoje...

23. Existe?

Mais que para José Saramago, o Prêmio Nobel, em 1998, foi presente para a Língua Portuguesa. O mundo ficou sabendo que essa língua existe e até serve para alguma coisa. Alguma coisa como, por exemplo, a obra poética de Camões e de Fernando Pessoa e a prosa de ficção do próprio Saramago. Não é pouco.

24. Três passos

Leia e escreva. É a recomendação que sempre se faz a quem deseja aprender a escrever; falta, porém, aí um indispensável terceiro passo: e

mostre o que você escreveu a quem sabe escrever. Por não fazerem isso, muitos estão escrevendo há trinta, quarenta anos,...mal!

25. Excesso de zelo

Antenor Nascentes, encarregado, em 1940, por Afrânio Peixoto, presidente da Academia Brasileira de Letras, de organizar o Dicionário da Língua Portuguesa, sob a égide daquela entidade, ao entregar a obra, em 1943, entre outras coisas, escreve na sua “exposição”: “Aspecto moral – procurei nada colocar que ofendesse a moral ou a religião. Todas as religiões são tratadas com o máximo respeito, com toda a reverência. Antes de fazer o verbete de palavras que me parecia *escabrosa* (grifo meu), tive o cuidado de ver como procederam no caso a Academia Espanhola, o Larousse e outros”⁵.

Claro que acabou resultando em lacuna tão excessivo zelo do bom Antenor Nascentes. Ao dicionarista cumpre registrar fria e fielmente o léxico da língua que, por sua vez, reflete a sociedade que o emprega. Por que certos vocábulos existem e têm determinados significados ou por que não deveriam existir não é da alçada do lexicógrafo.

26. Que acontecerá?

É muito sabido que a diferença mais significativa, hoje, entre o Português de Portugal e o Português do Brasil reside na pronúncia. Alguns chegam a temer pela possibilidade de não-entendimento (da nossa parte) num futuro, mais ou menos, distante⁶.

A pronúncia dos portugueses está acelerada⁷, e há sistemática supressão de vogais átonas em determinadas posições; a dos brasileiros nem é acelerada nem faz as mesmas supressões vocálicas.

5. Dicionário da Língua Portuguesa, 1º tomo, p. 10.

6. Rodrigues Lapa, por exemplo, é pessimistamente categórico: “...daqui a quinhentos (anos) é quase seguro que não nos entenderemos uns aos outros”. Celso Cunha, a respeito das diferenças de pronúncia entre o Português europeu e o do Brasil, também teme que, “com o correr do tempo”, cheguemos a “resultados imprevisíveis”. (A. Amaral, *Dialeto Caípira*, p. 8, e Celso Cunha, *Língua Portuguesa e realidade brasileira*, p. 82).

7. O fortalecimento das consoantes em detrimento das vogais, com a conseqüente aceleração da pronúncia, segundo Celso Cunha, começou a ocorrer em Portugal, no século 18.

Curioso é ler na primeira gramática da Língua Portuguesa – “Grammatica da Lingoagem Portugueza”, 1536 – a observação que faz o seu autor, o velho Fernão de Oliveira, que era muito bom de ouvido, a respeito do Português falado na época: “...nós falamos com grande repouso, como homens assentados”.

Significa que os portugueses já falaram como nós falamos atualmente. É mais um dado para a comprovação do carácter arcaico do Português do Brasil em relação ao de Portugal.

27. Caso singular

“Vivi sujeito ao doce desatino
Que tanto engana mas tão pouco dura;
E inda choro o rigor da sorte escura,
Se nas dores passadas imagino”⁸.

E, agora, estes versos:

“Se amar é procurar a cousa amada
E unir duas vontades num desejo,
Se é ressentir um mal tão benfazejo
Que quanto mais tortura, mais agrada;
Se amar é sofrer tudo por um nada
E a um tempo achar que é pouco e que é sobejo,
Já claramente agora entendo e vejo
Que não há quem de amor me dissuada”⁹.

Pensou que leu Camões? Não leu Camões, não. Você acabou de ler nosso grande poeta cearense José Albano. Já ouviu falar dele? Pois aqui vão algumas informações, que ele merece ser mais conhecido.

Nasceu em Fortaleza, no Ceará, em 1882, e morreu em Montauban (Tarn-et-Garonne), em 1923. Com educação jesuítica e européia, era políglota e andou por diversos países. Estudou na Inglaterra, França e Áustria. Conheceu ainda a Grécia, Itália, Romênia, Egito, Suíça, Alemanha, Turquia, Bélgica, Holanda, Espanha e Portugal. Pensou em morar na Terra Santa,

8. José Albano, p. 78, de Braga Montenegro.

9. Id., ib., p. 83.

onde também esteve. Acabou morando na França, onde faleceu, com problemas mentais.

Aos quinze anos escreveu versos em Alemão; mais tarde, sonetos em Inglês.

Não tomou conhecimento dos movimentos estéticos no Brasil; ficou “inteiramente fora dos quadros da poesia brasileira”, como diz Manuel Bandeira¹⁰. Foi mesmo um maravilhoso eco de Camões, a quem invoca no poema “Alegoria” (setenta e sete em oitavas-rimas, versos decassilábicos) e em tudo lembra:

“Já do áureo Tejo vinham navegando
As velas entre as vagas cristalinas
Ao leve sopro dum suspiro brando
Que de longe enviavam as campinas;
Nos tristes corações iam entrando
Saídades suaves e ferinas,
Mas à frente voavam esperanças
Sobre as múrmuras ondas e águas mansas”¹¹.

Já se disse que é o poeta brasileiro menos conhecido, mas também já se afirmou que o lugar que lhe cabe fica ao lado das maiores estrelas da poesia em Língua Portuguesa.

Trata-se, realmente, de um poeta singular da nossa literatura, injustamente esquecido. Dos “Dez Sonetos Escolhidos pelo Autor” diz Tristão de Ataíde que “são seguramente dos mais belos que jamais foram escritos em nossa língua e mesmo em qualquer língua humana”¹².

28. Bom discípulo

“Memórias do presente e do passado
Fazem guerra cruel dentro em meu peito;
E bem que ao sofrimento ando já feito,
Mais que nunca desperta hoje o cuidado”¹³.

10. Manuel Bandeira, Apresentação da poesia brasileira, p. 117.

11. Id., ib.

12. José Albano, p. 93, de Braga Montenegro.

13. Soares Amora, Panorama da poesia brasileira, vol. I, p. 89.

Pensou que, de novo, leu Camões? Pois, de novo, errou: você acabou de ler nosso desditoso árcade e inconfidente Cláudio Manuel da Costa.

Leia também:

“Faz a imaginação de um bem amado,
Que nele se transforme o peito amante;
Daqui vem que a minha alma delirante
Se não distingue já do meu cuidado”¹⁴.

(Camões escreveu:

“Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada”).

29. “Traduttori, traditori”

As centenas de traduções do famoso soneto de Arvers¹⁵ são um excelente exemplo da comprovação de que a tradução de texto literário é uma impossibilidade total. Recriar, sim; transcriar, como querem alguns, também; mas traduzir, não.

A título de curiosidade, leiamos algumas traduções de autores brasileiros para o primeiro verso: “Mon âme a son secret, ma vie a son mystère”.

- a) “Tenho um segredo na alma e um mistério na vida”. (José Oiticica)
- b) “Eu tenho dentro d’ alma um segredo guardado”. (Benedito Lopes)
- c) “Um segredo cruel tenho na alma escondido”. (José A. de Carvalho)
- d) “Tenho na alma e na vida um segredo, um mistério”. (Sousa Dantas)
- e) “Minha vida e minh’ alma escondem um segredo”. (José Fuzeira)
- f) “Mistério em minha vida e segredo em meu ser”. (Florianio de Lemos)
- g) “Incuba-se em minh’ alma um grande amor fatal”. (Abílio Mendanha)
- h) “Segredo d’ alma, da existência arcano”. (Dom Pedro II)

14. Id., ib., p. 86.

15. Félix Arvers (Paris, 1806-1850) é o nome do poeta; o soneto famoso ele escreveu num álbum de Maria Nodier. É, certamente, o soneto mais traduzido no mundo todo; no Brasil, fala-se em mais de cem traduções.

30. Sugestões

... para algum mestrando à procura de assunto para a sua dissertação: a) O imigrante, como personagem, na prosa de ficção brasileira; b) Confronto entre “Missa do Galo” e “Uns Braços”, de Machado de Assis; c) O Brasil (e sua língua) do século passado nas crônicas de Machado de Assis, Alencar, Aluísio de Azevedo, Bilac e outros.

31. Vale tentar

Exercício: leia o “Estouro da Boiada”, de Euclides da Cunha (“Segue a boiada vagorosamente, à cadência daquele canto triste e preguiçoso...”), e, em seguida, tente produzir o seu texto sobre o mesmo assunto; leia a descrição do ocaso, de Alencar, em “O Guarani” (“A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas...” etc.) e repita a tentativa; pode fazer o mesmo com o soneto “Anoitecer”, de Raimundo Correia (“Esbraseia o Ocidente na agonia/o sol...”).

Você, certamente, viverá a experiência de ter enorme dificuldade para desligar-se dos modelos; esses textos antológicos parecem definitivos, insuperáveis, perfeitos.

A tarefa será difícil, e o resultado poderá ser desastroso... Mas vale a pena tentar.

32. Quem diria!

Duas observações a respeito do antológico episódio, carregado de lirismo amoroso, da morte de Moema, no “Caramuru”, de Santa Rita Durão: 1 – foi escrito por um austero monge agostiniano, que soube muito bem mostrar os sentimentos femininos da bela rival de Paraguaçu; 2 – atente-se para as possibilidades cinematográficas do trecho; tem tudo, realmente, para ser posto numa tela.

33. Difícil palavra

Há muito em comum entre a despojada “Poesia”, de Drummond de Andrade (“Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escre-

ver"...), e o patético "Inania Verba", de Bilac ("Ah! Quem há de exprimir, alma impotente e escrava"...).

Ambos focalizam a dificuldade ou a impossibilidade de expressar certos estados poéticos, de codificar certas mensagens carregadas de sentimentos para os quais é difícil encontrar o molde lingüístico adequado. É bom lembrar, contudo, que a chamada "luta pela expressão" é problema do usuário da língua, ainda que seja um artista, e dos bons, e não da língua, sistema perfeito e bastante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
2. AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
3. AMORA, Antonio Soares. *Panorama da poesia brasileira*, Vol. I, Era luso-brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.
4. BANDEIRA, MANUEL. *Apresentação da poesia brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1957.
5. CONY, Carlos Heitor. *Somos todos inocentes*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 07-09-1997.
6. CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
7. LINS, Álvaro, HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Roteiro literário do Brasil e de Portugal: Antologia da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
8. MONTENEGRO, Braga. José Albano. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1958.
9. NÓBREGA, Mello. *O soneto de Arvers*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.
10. SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: Teoria e Prática*. 18. ed. São Paulo: Atual, 1995.